

Projeto prevê 'corredor' para ligar reservas de mata atlântica, no Rio

Proposta é unir Parque Nacional da Tijuca, na zona norte, ao da Pedra Branca, na região oeste

CLARISSA THOMÉ

RIO – O Rio pode ser o primeiro Estado brasileiro a ter um corredor florestal ligando 15.500 hectares de mata atlântica, destinado a permitir o trânsito de animais. O projeto, que uniria o Parque Nacional da Tijuca, na zona norte, e o Parque Estadual da Pedra Branca, na zona oeste, começou a ser discutido ontem no seminário Unidades de Conservação Urbanas, na sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). No encontro, foi apresentado programa semelhante realizado na Cidade do Cabo, na África do Sul.

A união das duas áreas poderá contribuir para o desenvolvimento das populações de animais. Segundo especialistas, o número de espécies é proporcional à área do parque em que vi-

vem: quanto mais a floresta estiver fragmentada, menos diversidade haverá. Alguns animais precisam de grandes territórios para sobreviver. Cada família de mico-leão-dourado, por exemplo, ocupa entre 40 a 50 hectares de floresta. "Áreas pequenas de mata não têm chance de sobreviverem separadas", afirma o secretário da organização não-governamental WWF/Brasil, Garo Batmanian.

O Parque Nacional da Tijuca e o Parque Estadual da Pedra Branca já foram ligados por uma faixa de floresta que cobria os Morros Pretos Forros, Boiúna e Covanca. É justamente essa área que precisa de replantio. O corredor uniria cerca de 70 reservas administradas pelo município, Estado ou governo federal, sob gestão compartilhada.

"Isso é viável, mas só funciona com apoio de todos os níveis de governo", afirma o diretor de Unidades de Conservação e Vida Silvestre do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Luiz Márcio Haddad.

PLANO
SEGUE
MODELO
AFRICANO